

O Casebre da Colina Maldita

Daniel Cavalcante

OS MAIS EXECRÁVEIS e tétricos lugares não são as grandes capitais violentas, ou fazendas onde regem a lei do mais forte e armado, muito menos as estradas sombrias e solitárias. No esquecido e insólito interior dos estados, onde prevalecem as planícies, a vegetação e as plantações, e que geralmente é visitado por cidadãos de bem em vã e inocente busca de paz e tranqüilidade, estão, esquecidas e ignoradas pelo mundo moderno, casas medonhas que abrigam gente estranha, suspeita, solitária, por vezes hedionda e sem pudores, que tiram seu sustento de suas próprias plantações ou da caça; pessoas que visitam a cidade uma vez a cada seis meses para abastecer o estoque de uísque barato; gerações e gerações de profanos que vivem à sua própria lei, protegidos pela ignorância e alheamento. Ali, impunes, cometem os mais terríveis crimes e pecados, homens transformam suas mulheres em escravas e filhas em meretrizes, mas também ali, como em um ajuste de contas ou simples ironia, enfrentam perigos e mal inimagináveis pela gente da cidade, acostumada a se horrorizar com coisas simplórias. O mal indizível os espreita sempre.

Faz mais de cinco anos que percorri aquela redondeza com o objetivo de mapear a região, e os detalhes ainda se mostram vivos em minha mente.

Era um fim de tarde, cerca de seis horas e chovia torrencialmente. A paisagem por aqueles lugares é sempre estonteante e tranquilizadora. O por do sol, cuja luz tosca e alaranjada ainda aparecia por trás das nuvens cinzentas, contribuía ainda mais para construir um cenário deslumbrante. A vegetação plana mais parecia um tapete verde imaculado. Mas algo pútrido naquele céu, algo insondável e horrendo naquela paisagem, oculto, espreitando, observando minha pequenez, emprestava um horror inominável ao quadro ali pintado.

O dia começou com a promessa de sol e calor, e por isso saí do hotel onde havia me hospedado, já muitos quilômetros atrás, desprevenido contra a chuva. Corri à procura de alguma árvore que me oferecesse abrigo, mas ali a plantação era doentia e nenhuma possuía folhagem que me protegesse contra a chuva que tombava cada vez mais intensa. Então notei que toda a vegetação

ao meu redor havia se tornado (ou sempre fora e eu não notara, devido à boa impressão que tivera da vegetação que ficara mais para trás) pestífera.

Avistei então, ao alto de uma pequena colina, uma luz solitária e insinuante, daquelas que vemos ao longe das estradas, em meio ao matagal, insinuando algo de sinistro. Aproximando-me mais, percebi um casebre maltratado e provavelmente abandonado. Puxei a gola de trás da camisa para cima, cobri minha cabeça e corri em direção ao abrigo seco e confortável.

À medida em que me aproximava da cabana, senti um impulso crescente de me afastar dali e enfrentar a chuva. Relutei e logo já estava no topo da colina, de frente para uma porta de madeira, meio apodrecida, mas ainda inteira. Um cachorro ladrou em algum lugar nos fundos da casa e concluí que alguém devia morar ali. Bati à porta freneticamente, mas ninguém atendeu. A porta aberta reforçava a idéia de que não havia nada ali com que me preocupar, ao contrário das cidades. Resolvi entrar.

A casa era uma desordem total, mas era seca e aquecida por um fogão à lenha que ainda crepitava. Não havia o menor indício de vida ali dentro. Pensei que, de certo, o morador havia ido à caça e a chuva o apanhara tão desprevenido quanto eu, e encontrara um abrigo, resolvendo ali ficar até a chuva acalmar, como eu.

Atravessei a pequena sala, pisando sobre uma pele de algum animal que fazia serventia de tapete. Inevitavelmente me senti em um filme americano, onde sempre há quem largue a porta aberta e sempre há quem entre sem ser convidado. Junto com a sensação de estar invadindo uma propriedade, veio um odor peculiar que me chamou a atenção, mas que se misturava ao cheiro da madeira em chamas, confundindo meu olfato. Parecia algo como morfina ou formol.

Como é de se prever, o casebre era muito simples e humilde. Não havia decoração alguma além de um retrato, onde se via um senhor com seus cinqüenta anos, rude, barba e cabelos já brancos, roupa surrada e rugas no rosto severo; uma mulher bem mais jovem, porém com sua vitalidade roubada, olhos tristes, sorriso dócil e duas meninas, uma adolescente, linda, cabelo preso em rabo de cavalo e os olhos tristes da mãe; a outra ainda em seus dez anos, olhar curioso, gorduchinha, pequenez e inocência encantadoras.

A fotografia era recente, e estava ao lado de uma velha máquina fotográfica e de um livro de medicina, marcado em uma página sobre cortes cirúrgicos, o que me levou a imaginar qual seria a profissão que exercia – talvez ilegalmente – o meu anfitrião e logo associei isto ao cheiro de formol, imperativo na casa. Olhando a fotografia, era certamente uma família encantadora, mas que teria passado pelas mais diversas dificuldades. O olhar pesado e cansado revelava uma vida inteira de sofrimento e luta pela sobrevivência e uma extraordinária força de vontade, característica dos habitantes dos sítios e fazendas. Mas além dessas marcas da luta do cotidiano, o olhar, a expressão e a melancolia das três mulheres da família me inspiravam algo que não fui capaz de decifrar, um sentimento especial. Parecia-me que todas eram vítimas do mesmo mal, como alguma doença

hereditária, um pesadelo em comum ou um horror compartilhado. Olhavam-me quase encarecidamente, como que implorando por algo em linguagem intraduzível, uma mensagem silenciosa. Por outro lado, a imagem do patriarca da família que me hospedava sem saber não me agradava mais que a visão de um inseto repulsivo. A barba branca e insolente parecia insultar as leis, os olhos pequenos desafiavam homens e animais, a postura audaciosa e arrogante tentava afugentar os intrusos – e eu era um deles. Por um momento temi por estar ali clandestinamente displicente. O que faria aquele homem bruto e animalesco ao chegar de uma caça frustrada ou um piquenique igualmente fracassado com a família, derrotado pela tempestade, e me ver ali, abusado, sentado em sua poltrona favorita, fumando seu charuto, bebendo de seu uísque e lendo seus livros? Me faria sua caça predileta, certamente. No entanto, pensei em seguida, as mulheres, por sinal simpáticas e piedosas, entenderiam minha situação ao procurar refúgio e dialogariam com o patriarca na linguagem que ele compreende, sabe Deus qual. Na verdade, a curiosidade me manteve ali, mais do que a necessidade de me proteger da chuva. Fui tomado por um imenso interesse em conhecer aquelas mulheres, ainda tão jovens que até mesmo a mãe poderia ser chamada de garota, saber tudo sobre suas vidas, lutas e pesadelos que tanto marcam suas faces.

Olhei pela janelinha quadriculada e a chuva estava sempre mais intensa. A noite caía agora confiante e fui afetado por um mal estar. Estariam eles perdidos pela mata? Se estivessem, o que seria deles na noite abominável dos sítios? Se retornassem, haveria lugar para mim? Teria de passar a noite sob aquele teto?

Quando concluí o pensamento com a palavra “teto”, um ruído estranho e abafado se fez ouvir acima de minha cabeça. Durou poucos segundos, insuficiente para que eu pudesse identificar ou associar a algo senão asas batendo contra as grades de uma gaiola, e não pude deixar de pensar que seriam asas negras como os abismos do horror onde minha mente foi lançada por um momento. O susto me fez sobressaltar e o silêncio que se seguiu me fez rodopiar desorientado procurando por algo que eu sabia que não iria encontrar.

Antes que me desse por conta, estava na porta que dava para o quarto do casebre. A mesma curiosidade de antes me forçou a entrar ali e conhecer melhor aquela família, aquelas garotas que me pareciam tão íntimas, que me imploraram por socorro com seus olhares suplicantes. Quase não senti a sensação de estar invadindo a privacidade de pessoas desconhecidas, qualquer força imperscrutável me forçava a investigar aquele lar inexplorado.

O cômodo pequeno estava muito organizado, ao contrário do restante do casebre. As luzes ali estavam acesas. Havia duas camas, cobertas por um lençol branco, um pequeno armário de madeira, provavelmente feito pelo pai do lar, algumas bonecas também de madeira e plantas em vasos bem cuidados. Alguns vestidos de tamanho médio, tecido barato, com remendas, estavam sobre uma das camas. Sentei-me à beira daquela cama e contemplei o lugar compacto por vários minutos, sem qualquer objetivo. Imaginei o tipo

de vida levariam aquelas duas meninas, quase piedosamente. Talvez eu fosse a ajuda enviada pelo destino.

Do outro lado do quarto havia uma parede improvisada que o separava em dois. A porta era apenas uma cortina pendurada por ganchos presos ao teto. Levantei-me, e no instante em que me coloquei à frente da cortina, um novo ruído, desta vez prolongado, veio do teto. Bem acima de mim, algo como pequenas garras procurando algo em seu soalho, rabiscando a madeira podre, mas ainda lembrando o farfalhar de asas negras. Logo em seguida, ouvi um pequeno e reprimido, porém bestial, grunhido. Não era nada parecido com qualquer animal que eu já tenha visto. E então, novamente, o ruído já familiar sobre a madeira do teto. Havia algo vivo ali, algo boçal e grotesco como uma descomunal e pavorosa ratazana, que afugentaria o mais valente matador de pragas. Paralisado, aguardei o que se sucederia. Eu esperava por tudo, mas não pelos outros ruídos assombrosos que vieram em resposta. Vários arranhões – ou bater de asas – pareciam dialogar com o horror anterior, como uma convenção de aberrações abissais sobre minha cabeça, gárgulas maquinando um ataque rápido e mortal que arrancaria minha cabeça do pescoço e depois decidiriam o que fazer com o restante de minha carcaça banhada em sangue.

Novo silêncio se fez, ao menos no teto, já que a chuva caía satisfeita e dona de si do lado de fora do casebre assombroso. Eu já havia ido longe demais para sair dali agora, precisava saber mais, pois algo de muito estranho havia neste lar de mistério. Refleti que não havia nada de peculiar, nada de característico naquela família, na vida daquelas pessoas, nada marcado nos objetos da casa. Algo eu haveria de encontrar naquele cômodo improvisado, atrás daquela cortina. Todo lar tem seus segredos.

Ao puxar de lado aquela maldita cortina azul e branca e acender as luzes, meus olhos presenciaram um horror muito maior que o prenunciado. Susto, pânico, medo, repugnância, nojo, ânsia, azia, tudo se misturou em um turbilhão que ferveu meu estômago e mergulhou minha alma no mais cru horror que a mente humana é capaz de suportar. Meu impulso foi de fugir daquele lar de atrocidades e deixar a chuva lavar minha alma do terror inominável que se apossara de mim.

Ainda hoje me arrependo de não ter fugido enquanto todo o abominável cenário não havia se revelado diante de mim. Talvez hoje minha sanidade não estaria tão comprometida, se eu não tivesse dado ouvidos à minha curiosidade mórbida e nefasta de decifrar todo aquele mistério.

Mas meu torpor foi tal que, indignado e pasmo, resolvi ir mais a fundo e, talvez, fazer algo a respeito.

O cubículo comportava uma cama de casal e um armário, idêntico ao do quarto anterior, e várias prateleiras, onde repousavam, enfileirados, frascos de vidro, de todos os tamanhos e formas. Alguns vazios se acumulavam em um canto, aguardando seu destino. Dentro de cada um dos demais, organizados com rígida seleção, se via um líquido transparente, provavelmente formol, a julgar pelo odor que já senti ao entrar no casebre. Os vidros refletiam a luz que pendia do teto, o que me impediu de identificar o conteúdo logo que os vi,

mas ao observar os objetos que boiavam no líquido, identifiquei, em uma seqüência de cinco vidros, um fígado, uma bexiga, um coração, um cérebro e um intestino.

Caí de joelhos, me apoiando na beira da cama de casal, e vomitei no lençol branco e macio. Fui forçado pela tontura a permanecer ali, prostrado diante do grotesco por um tempo que não posso determinar. Somente quando meu estômago se esvaziou pude me levantar e admirar friamente aquela exposição de horrores.

Me aproximando dos frascos, um alívio caiu sobre mim ao notar que aqueles órgãos eram pequenos demais para serem humanos. Ali ao lado, haviam também cabeças de galinhas, ratos, gatos e pássaros de espécies variadas, além de cobras.

Santo Deus! Que tenha piedade das almas imortais e as livre dos sofrimentos e torturas que levam consigo no momento da morte! Pelos frascos nas prateleiras de cima e de baixo procurei por algo que não queria ver, mas enfim, encontrei, na mais alta prateleira, em lugar de destaque, como um prêmio importante a ser exibido, ou uma obra de arte macabra, estavam expostos, sempre em ordem rigorosa, cérebro, olhos, coração, fígado, bexiga, intestinos, úteros e outros órgãos menores que não pude identificar, tudo repetido três vezes, com fitas adesivas com os respectivos nomes – Maria Aparecida, Fabiana e Regina.

Aquela visão era tão repulsiva quanto lastimável. Contive o grito que crescia dentro de meu ser, quase sufocando, a fim de não despertar qualquer coisa maligna que haveria ainda naquele antro de blasfêmias, ou ainda chamar a atenção das criaturas desconhecidas que rondavam e espreitavam acima de mim.

A chuva começava a perder as forças quando voltei a respirar normalmente. Temi por minha vida ao pensar que o autor de tão hedionda obra estivesse prestes a retornar ao lar e encontrar um intruso que descobrira seu segredo sem proporções. Já me preparava para correr dali quando novamente os ruídos perturbaram meus nervos já em frangalhos. Lancei meu olhar para o teto e notei então, no canto entre o teto e o ângulo reto que formavam duas paredes, um buraco na madeira velha e mofada, de cerca de meio metro de diâmetro. Em volta daquele buraco que escondia segredos entre a laje de madeira e o telhado, havia uma grande mancha de sangue, que descia, disfarçada pela cortina, até o pé da parede e formava uma discreta poça viscosa no chão. Nada havia ali de morto recentemente para justificar a presença de sangue, e a mancha em volta do buraco me fez imaginar o que eu mais evitei conjecturar. Apavorado e tremendo até a alma, andei de costas, como me precavendo de alguma surpresa. Antes tivesse corrido sem olhar para aquele quarto amaldiçoado e povoado de seres e pesadelos abissais. A madeira podre finalmente cedeu ao tempo e desabou quase completamente, com um estrondo mais assustador que ensurdecidor. Junto com a madeira podre, um corpo dilacerado caiu diante de mim, a cabeça rolou e parou ao bater em meus pés. Logo reconheci os olhos pequenos arregalados, a barba

branca manchada com seu próprio sangue, a expressão arrogante substituída pelo horror do fim próximo.

Não gritei nem me mexi. Apenas olhei na direção daquele grunhido horrendo e monstruoso, um som que se aproximava do humano, mas ao mesmo tempo desalmado e bestial, cheio de fúria e sedento por sangue, um grito devorador de almas, e vi, ali, no único canto onde o teto não desabara, na escuridão da laje, o invisível, o indizível, o impronunciável, com olhos vermelhos que brilhavam, malignos e famintos. Incontáveis pares de olhos surgiam, um atrás do outro, em agitação incontrolável.

Nesse momento, explodi em gritos, urros, e sons jamais pronunciados por ser humano e corri em disparada, por quilômetros, sem noção de onde ia, a chuva purificando-me do horror, deixando a danação que habitava aquele casebre maldito à sua própria sorte.